

Soro faz ambulância funcionar

Andar de ambulância todo médico anda. Mas com um paciente infartado atrás, em um veículo com mais de dez anos, sem freio, nem água no radiador, isso passa a ser uma aventura digna de cinema.

A história é verdadeira. Quem passou pelo aperto foi o médico César Neves, ginecologista do Hospital de Planaltina. Era 1h30 da madrugada em plena Estrutural, noite fechada e, de repente, um cheiro de queimado enche o ar. O radiador ferveu.

Não havia água por perto. Ninguém pararia na estrada. A velha ambulância provavelmente mais parecia um camburão ou até um rabeção.

Para poder continuar o caminho de volta do Hospital de Base para o de Planaltina, soro fisiológico foi colocado no radiador. E o carro andou.

Canibalismo — Peças quebradas representam outro problema. Na impossibilidade de comprá-las, os mecânicos das ambulâncias dos hospitais retiram peças de uma para colocar nas outras. “Aqui se faz *canibalismo*”, brinca o médico. E assim funcionam os nossos hospitais, em marcha lenta.

Mas o que mais desgasta o médico é a quantidade de pessoas no Pronto Socorro, lotando o atendimento de emergência, sem necessidade. “Já atendi uma moça, às 3h da manhã, por que queria fazer uma consulta ginecológica de rotina”, lembra.

A cena se repete com frequência. Ao invés de ir aos Centros de Saúde, que nem sempre funcionam, ou se encontram lotados, o paciente vai ao pronto socorro, onde o atendimento é mais rápido.

Todos os médicos têm uma história para contar de pacientes que chegam na emergência com sintomas simples, que o incomodam há meses, apenas para pedir um atestado.

César Neves conta que viu um homem gritar que ia morrer. Esperneou tanto que foi atendido antes dos outros.

Sentia dores há três meses e dizia que estava para morrer. Só que não tivera tempo de ir ao hospital.

E chegam todos no mesmo horário. Parece que ninguém adoece na hora do almoço.

“Paciente tem horário”, observa César Neves. Ele diz que o paciente acorda às 8h30 e vai ao hospital. Ao meio dia, almoça. Reaparece às 17h30.

Fatos como esse são normais em um sistema de saúde que está doente.